

Liberais vivem sua maior crise

A Executiva Nacional da Frente Liberal reúne-se hoje em Brasília com o partido vivendo momento de cruel perplexidade em todas as suas instâncias. O senador Guilherme Palmeira não aceitou os diversos apelos que lhe foram dirigidos para permanecer na presidência do partido, da qual se havia licenciado na sua campanha como candidato ao governo de Alagoas. O deputado Maurício Campos, de Minas, tenciona continuar na presidência, exercida por ele interinamente, mas há resistência às suas pretensões. O nome que goza de melhor trânsito para substituir Guilherme Palmeira seria o do senador piauiense Hugo Napoleão. Guilherme Palmeira concordou em permanecer no comando partidário até o final de fevereiro, enquanto se tenta encontrar uma solução para sua substituição que acomode os diversos grupos e correntes em divergência.

Mas a maior perplexidade em que mergulhou a Frente Liberal é reflexo da posição *sui-generis* assumida pelo partido diante do governo, do PMDB e da situação nacional, decorrente do resultado das eleições em todo o país. Na grande maioria dos estados, em que desfrutava de boa posição eleitoral, a Frente Liberal foi derrotada por seu grande adversário, o PMDB, o qual acabou se transformando no partido amplamente vitorioso no pleito de 15 de novembro. Os liberais perderam as eleições em estados de importância decisiva como Bahia e Pernambuco, para citar os exemplos mais expressivos. O único estado em que a Frente Liberal conseguiu permanecer no poder foi Sergipe, mesmo assim em aliança com uma facção do PMDB.

Reconhecem seus próprios líderes que ficará difícil ao eleitorado entender a posição do partido em oposição ao PMDB nos estados, mas dele aliado no plano nacional, no apoio que presta ao governo Sarney. Se fosse conduzido exclusivamente por razões de ordem eleitoral, o caminho natural da Frente seria o da oposição, tanto no plano federal como dos estados, o que lhe poderia render bons dividendos políticos nas eleições municipais do próximo ano. Mas seus políticos de maior responsabilidade, como Aureliano Chaves, vêm defendendo o ponto de vista de que o partido tem responsabilidades maiores no processo político de transição em que nos encontramos.

O presidente Sarney se encontra num período de graves dificuldades políticas e a retirada de apoio ao seu governo poderia resultar na perda de estabilidade política de que ele necessita para superar os desafios que lhe rondam. Lembra-se ainda que tem sido muito precário e oscilante o apoio político do PMDB ao governo, que avança ou recua conforme o desempenho da administração federal perante a opinião pública.

Mas mesmo que a Frente Liberal se manifestasse a favor de uma postura oposicionista em relação ao governo do presidente Sarney, uma facção do partido relutaria em acompanhar essa decisão. São os políticos de feição ou estilo clientelista, que não abandonariam as posições que desfrutam no governo para ficarem submetidos à dieta magra da oposição.

A continuar a situação em que se encontram, os integrantes da Frente Liberal acham que do ponto de vista político estão também na posição mais desconfortável, uma vez que se encontram esmagados pela prevalência que goza o PMDB dentro do governo federal.

Solução parlamentarista

O deputado Saulo Queiroz, secretário-geral da Frente Liberal, admitia ontem a possibilidade de que, com o agravamento da crise econômica, o país venha a encontrar como solução para seus problemas a rápida aprovação de emenda constitucional, adotando o regime parlamentar de governo. Só assim, no seu entender, talvez se desse um encaminhamento correto aos problemas, com o PMDB assumindo de fato todas as responsabilidades de governo. No presente quadro, de acordo com sua análise, vivemos conjuntura anômala. O PMDB acha que o presidente Sarney não é um dos seus, apoiando o governo de forma relutante e duvidosa, o que se reflete negativamente no próprio desempenho da administração pública federal.

Pimenta e Minas

O deputado baiano Virgildásio de Senna considerou intolerável interferência nos assuntos internos da bancada a declaração feita pelo governador eleito de Minas, Newton Cardoso, ao reivindicar a liderança do PMDB na Câmara para um mineiro. Entendem que se trata de um veto direto a Pimenta, que é mineiro. Em face disso, acha que Pimenta deveria aceitar o desafio, pleiteando sua continuidade, como líder da bancada, que não pode ter sua vida regulada por um governo de estado.

Opinião quase idêntica à de Virgildásio tem o deputado pernambucano Egydio Ferreira Lima. Só que Egydio acredita que Pimenta como bom mineiro, está deixando os acontecimentos evoluírem naturalmente para ver qual a postura mais conveniente a seus interesses e do partido no momento. No entanto, adverte que, sendo Pimenta um homem hábil, ele não irá deflagrar uma crise no partido, o que fatalmente ocorreria se resolvesse desafiar o veto ao seu nome.

Inoportunidade da Toyota

Há quem considere, na Frente Liberal, que o ministro José Hugo Castelo Branco foi pouco feliz ao liberar, às vésperas da reunião do Clube de Paris, a informação de que a Toyota estaria se preparando para se instalar no Brasil. As palavras do ministro podem ter sido interpretadas como um desafio às demais montadoras de automóveis instaladas no Brasil, todas elas européias e norte-americanas. Assinala-se ainda que os nossos principais credores internacionais são europeus e norte-americanos. Sendo que a Volkswagen tem uma forte participação em seu capital do estado alemão, um dos integrantes do Clube de Paris.